

montanha fria
no silêncio a vida se revela
um palmitar de gotas



crepúsculo morno
à luz do cajueiro em flor
duas mariposas



pequeno caracol
subindo o pico do Jabre –
devagar... devagar...



vassoura na mão
o velho varre a poeira
pro próprio rosto



pinheiro seco
no sertão o frio é escasso
ventania e folhas



o tempo
ao redor do jardim –
borboleta em âmbar



cinco crianças
brincando de roda
na foto da avó



aqui e agora
o gato adormece
no altar do Buda



cigarra escondida
o vento não permite o canto
adormecem as formigas



pedaço de estrada
nas árvores o vento dança
ao som dos bem-te-vis

HAIKAIS DE DANIEL RODAS

Daniel Rodas é escritor, poeta e dramaturgo. Editor da Revista Sucuru | Campina Grande - PB. Insta: @revistasucuru

DELICADEZAS POR PRISCILA BRANCO

Quando era criança, encontrei a morte rondando a casa. Abri a porta, perguntei se gostaria de entrar, fiz chá e biscoitos. Ofereci o melhor lugar, a poltrona macia, e deposei alguns livros em seu colo.

Mostrei a vitrola, os desenhos rabiscados, falei de meu gosto por gatos e passarinhos.

Ela não respondia nem acenava. Mastigava devagar o biscoito macio e se curava com o chá de gengibre.

Ficou até a hora do jantar. Eu estava faminta, então peguei um prato de sopa.

Ceamos juntas e expliquei: minha mãe diz que primeiro devemos comer pelas bordas para não se queimar.

Cheia de queimaduras na língua, eu metia a colher bem no meio, como uma forma de protesto, mas ela seguiu o conselho e bebericava devagarinho os cantinhos do prato.

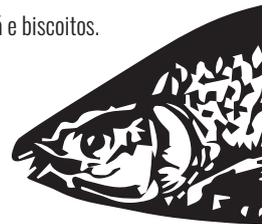
Depois, um pouco sonolenta, levantou com seu manto de estrelas e se encaminhou para a porta, sem nem me dar satisfação ou dizer adeus.

Eu fiquei ali sozinha, durante muito tempo, observando a xícara vazia, as migalhas de biscoito apodrecendo, os vinis fora do lugar, o prato com um resto de sopa fria.

E os livros, os livros todos amarelados, carregando a oxidação da memória e do amor.

Priscila Branco é poeta, mestre e doutora em literatura brasileira pela UFRJ, pesquisadora da poesia contemporânea escrita por mulheres brasileiras fora do cânone, editora da revista toró e da Macabéa Edições, além de ser colunista da revista cassandra. Também faz parte do Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura (NIELM-UFRJ) e do grupo de pesquisa Mulheres na Edição (CEFET-MG).

Instagram: @priscilanbranco



Veja a menina que pula corda. Nem todos são alienados.

Eudardo Gudiño Kieffer



no meio de nós
bateram à porta, atendi
eram as irmãs da igreja
e suas saias tão longas
quanto seus cabelos

“minha filha, você aceita Jesus?”
e ele mandou solicitação?
repreende senhor, diz a senhora

todo domingo
é dia de evangelizar
levar aos perdidos
como eu
o Deus, sua propriedade
o homem branco, o salvador
criador dos céus e da terra, redenor

logo esse Deus, tão diferente de mim
Mulher, trans, LGBTQI
além de tudo
pecadora
e sem um tostão pra contribuir
Que Deus vai me querer assim?
quando refleti me despedi
já conheço Deus e seu filho Jesus
pega ônibus comigo, pediu ajuda pra mim
tá na rua, pedindo socorro
implorando aos próprios filhos
piedade
amai-vos uns aos outros
não é assim que vos ensinei?

conheci Jesus, minha senhora
é uma mãe preta
uma avó cozinheira,
uma professora, uma artista,
uma faxineira

e também a vagabunda
que vocês julgam, apedrejam, perseguem
e todo vez que escuto
Deus acima de tudo
estremeço

mas elas não foram embora
sem antes dizer
“deus esteja convosco”
em um reflexo respondi:
“Ele está no meio de nós”

NO MEIO DE NÓS POR GISELLY CORRÊA

Paraense radicada no Ceará, estudante de jornalismo que vez ou outra se aventura na ficção.



EL DORADO POR S. S. MAISA

Escritora, violinista e artista visual, de Osasco - SP. Seu último livro, "Como é bom estar sozinho", foi publicado pela editora Toma Af Um Poema. Atualmente, atua no coletivo literário "Coletivo Margem".

me perco nas oportunidades
que eu nunca vou ter
eu olho pra cima
em busca do sol que me motiva

mas roubaram sua luz
e roubaram a felicidade
vocês podem ter o sol
mas nunca terão nossa cor

a essência do privilégio
vocês não podem negar
nós não podemos pegar
nem nunca vamos chegar

a esperança é exclusiva
pra quem compra sorrisos
e os dividem entre si

para as famílias que se sustentam
eu já não tenho com quem
compartilhar minhas dores
não tenho tempo pra amores
quando preciso sobreviver

enquanto em algum lugar por aí
alguém realiza meu sonho
e ainda consegue dormir

mas eu tenho cor, tenho amor
só que o amor que eu tenho
não é pelo dinheiro que eu não tenho
é pelas palavras, pelas cores
as que me inspiram ser eu

mas sem números, é difícil amar
e eu me pergunto, aos soluços
como e quando eu vou chegar?

livros de branco pra branco
é tão fácil
amor de branco, problema de branco

eu venho dos livros sem cor
eu venho das palavras sem calor
de quem disse o que é solidude
de quem envergonha até a branquitude

você não os conhece
porque não te aplicam
a profundidade de ter visto o sofrer
e depois dele, conseguir viver
só pra contar a história



histórias reais de perigos da alma
nós morremos, nós nascemos
sem que tenham nos visto

mas alguém nos ouviu
nas palavras que transcendemos
vamos contar de onde partimos

lugares nunca imaginados
pertencem somente a nosso sangue
e não podem ser tocados
pelas mãos que tentaram nos tirar de lá

o meu EL DORADO
tem arte pra todo lado
tem a natureza pintando
e os deuses que nos guiam
são nossas raízes eternas
que nunca serão esquecidas



WWW.KURUMATA.COM.BR
REVISTAKURUMATA@GMAIL.COM





Poeta, escritor, artista que se arrisca em fotografia, música e audiovisual. Editor/organizador da Revista Kurruma 'tá.

O JOGO por Toinho Castro

Marlene sorriu porque tinha acabado de levar uma bronca do jogo, por algo que dissera. E que eu nem percebera, porque eu olhava para os búzios jogados sobre o tecido branco que cobria uma pequena área da pequena mesa. De olhos fixos no jogo, eu imaginava as linhas de força que ali se cruzavam, ou dali emergiam. Lembrava daquelas ilustrações dos velhos livros de ciência, das linhas de força de um campo magnético em torno de um ímã. Ou mesmo as recentes representações das trajetórias explosivas de partículas no LHC.

Aquilo estava falando sobre mim. Sem que eu pudesse escutá-lo. Ou seria aquele ruído que parecia sublinhar o aparente silêncio da sala. De súbito ela me disse, tirando os olhos do jogo e me alcançando como se fosse de longe: — Não era pra você ter nascido.

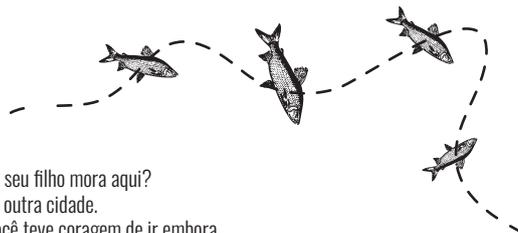
E isso, meu nascimento, só se deu pelas forças de Oxalá e Iansã, que me insistiram no mundo. Sim, meu parto foi difícil. Foi cesárea, ou nem seria. É o que dizem, o que ouvi de minha mãe, que não sabia dessas duas forças a me puxar, a me disputar com... com o quê? A morte? O oco do tempo? Só sei que venceram o cabo de guerra, e eu só soube disso naquela sala com Marlene, que era vetor das palavras que contam a história escondida de cada pessoa.

Ela ia narrando tortuosamente, e pontualmente me relacionando mais e mais a Oxalá, lembrando-me sempre, como uma nota de rodapé, como um beliscão: mas tem Iansã. E eu fico aqui, perscrutando a dança desses dois, que só agora sei que são os que estão. Oxalá sábio, velho. Oxalufã... Mas tem Iansã. E hoje, com essa ventania de chegada de frente fria, como não lembrar dela? Sou desses que abre janelas na tempestade. Sou desses.

Marlene disse que sou antigo

Foi meu primeiro jogo. Eu não sabia o que dizer, o que perguntar. Se deveria perguntar ou saber. Deixei-me levar. Ouvi e acreditei naquela forma antiga, ancestral, de saber das coisas e dizê-las. E curiosamente agora sei ainda menos do que sabia, porque vislumbro que há tanto mais que não sei. Porque portas e janelas só se abrem para o desconhecido. Quando não vemos o que não sabemos, é porque está tudo fechado. Agradei a Marlene. Agradeço ainda.

Não era pra ter nascido. Mas eu nasci, porque era pra eu nascer. Que mundo incrível em que essas duas afirmações podem ser verdadeiras, como o Gato de Schrödinger.



— O pai do seu filho mora aqui?

— Não, em outra cidade.

— Então você teve coragem de ir embora.

— Tive, mas deixei meu filho para trás. Quando ele nasceu, o pai dele me trancou em um quarto e deixava comida na porta. Fiquei nessa condição durante um mês. Eu tinha decidido que quando conseguisse sair, ia embora. Ia deixar o filho com ele, porque ele tinha dinheiro e seria um bom pai. Ele era ruim comigo. Com o filho, eu tenho certeza que ele seria bom. Eu não convivi com meu filho. Vim embora. Depois de seis anos, ele devolveu esse menino pra mim. Não consigo gostar dele. É a cara do pai. Toda vez que eu olho pra ele, lembro de tudo que eu passei com o pai dele.

— Seu filho também não tem culpa. É preciso cuidar de você, eu disse. É importante se manter acordada, sem dores. Você já foi ao médico para investigar essa dor de cabeça?

— Foi sim. Eu tive uma sequela da raqui (anestesia), quando eu tive meu segundo filho.

Eu olhava para essa mulher e a via tão forte que me assustava. Parecia tão preparada pra tudo. Mesmo ela me tentando dizer o contrário.

— Meu segundo filho é do meu atual marido. Depois que eu vim embora, um dia reencontrei um homem que eu tinha conhecido na minha adolescência.

Conversamos, relembramos o passado e começamos a namorar. Vim para esse lote aqui com ele e com a família dele. Comecei junto com ele a reconstruir a minha vida. Ocupamos essa área junto com outros produtores rurais e construímos nossa casa. Comecei a fazer parte desse movimento de luta aqui, a fazer parte da associação. Sonhamos em fazer nossa casa aqui, em produzir e vender, viver dessa terra. Eu quis engravidar do meu segundo filho. Eu amo esse menino. É diferente do outro. Não gosto quando o meu filho mais velho me abraça.

— Seus filhos brincam juntos? São amigos?

— São, mas o mais velho bate no mais novo. Porque ele é agressivo. Aí eu bato muito nele. Eu bato nele todo dia.

— E o seu marido?

— Ele é bom. Mas ele não vai ficar comigo muito tempo não. Às vezes ele quer sair, ir na casa da família dele e eu só quero dormir, sinto muitas dores de cabeça, não quero ver ninguém. E nenhum homem aguenta isso. Acho que ele é compreensivo, mas não sei por quanto tempo.

— As dores de cabeça são sequelas da raqui (anestesia)?

— São sim. Eu senti logo depois que o efeito da anestesia passou. Senti muita dor, passei mal, quis logo vir embora do hospital.

— E porque você não falou com o médico? Você não poderia ter saído do hospital nessas condições?

Eu percebi que uma base do imponderável se fez ali naquele tempo-espaco entre nós duas.

— Médico não se importa comigo, eu sou preta e pobre. Eu tinha até medo de falar com o médico que estava sentido dor. Eu tomo meus remédios para dormir, a dor passa, eu durmo, não tem remédio para esquecer das coisas que já passei, mas eu durmo e quando eu estou dormindo eu não lembro. Então é bom.

Aline Valente, desenvolve trabalhos com mulheres e comunidades. Articula e mobiliza junto com elas, ofícios como expressão de resistência e pluralidade. Porto Seguro, Bahia, Brasil.

EXISTÊNCIA E CORAGEM Por Aline Valente

Ela sentia fortes dores de cabeça. Não tinha vontade de viver. Ficava deitada quase o dia todo por causas das dores de cabeça e pela falta de vontade de viver. Tomava remédios que a ajudava dormir. Quando a vi pela primeira vez, estava em uma bicicleta voltando da escola do filho mais velho e me contou dessas dores, logo no nosso primeiro encontro. Ela encostou a bicicleta e começamos a prosear. Ela me contou que o filho mais velho era muito agressivo e constantemente ela era chamada para ir à escola.

— Tenho que ficar lá na escola com ele, assistindo aula para não deixar ele bater nas outras crianças. Eu fico nervosa com isso. Ele me dá muito trabalho, bate nas crianças lá.

— Ele toma algum remédio?

— Toma remédio controlado. Eu não tenho afeto por ele. Não sei gostar desse menino. É muito difícil pra mim, ele me lembra muito o pai dele.

Depois de algum tempo olhando para aquela mulher, eu compreendi a legitimidade da falta de vontade de viver. Viver era só enfiamento para ela. A existência exigia muita coragem. E a coragem não legitimava a existência. Eu fiquei ali olhando para ela enquanto ela falava. Me perguntava de qual lugar abscondido ela tirava força para se levantar, o pouco que fosse. Fosse pouco, era muito para enfrentar o passado e o presente. Eu olhava para ela e queria perguntar como conseguia criar condições para a sua existência, embora eu não conseguisse elaborar uma pergunta. Talvez as condições não existissem. Havia uma aparente força que a fazia existir.

— Eu casei muito nova com o pai desse menino. Ele me dava tudo, roupa, sapato.

Ele fazia tudo para mim. Mas me agredia. Quando eu engravidei, ele me bateu muito. Esse menino é assim porque apanhou muito quando estava na minha barriga.

— Você não tem culpa.

Eu me apressei em afirmar isso a ela. Queria garantir que ela não se sentisse culpada. O coração apertou. A gravidez de uma mulher que deveria ser celebração, foi melancolia. Eu talvez não assimilei, naquele momento, a lacuna que ela possivelmente não vai preencher. E também não assimilei porque naquele dia ela reviveu esses momentos vividos. Era uma história que não parava de existir. Na memória. Na coragem. Na força.

— Eu não tive coragem de ir embora.

— Mas você não tem culpa.

— É, não tenho.

Ela afirmou sem acreditar. Talvez era um pecado ela não ter culpa. Culpa por não ter coragem. Eu me lembro de achar que não tinha o direito de estar ali, de acessar aquela história, aquela culpa, aquela coragem para existir. Eu tinha ido fazer um trabalho de campo. Era ir e voltar. Mas essa mulher chegou com a bicicleta quando voltava da escola do filho mais velho e me atravessou. Os atravessamentos designam nossos caminhos, nossa memória, e as histórias – dos outros e a nossa história. Continuamos ali, de pé, em frente a um galpão de madeira de uma associação de agricultores rurais. É de histórias como essas que muitas mulheres vieram, são dessas histórias que pertencemos. De onde pertencemos, e de onde há tanta falta e ausência é que devemos sedimentar nossa luta. Naquele dia, eu e ela entendemos isso. A vida, afinal, tinha seguido em frente.